

Halle a[n der] S[aale], 15.III.99

Luisenstr[aße] 3

Mui prezado Sr. colega!*

O mais cordial agradecimento pela gentil remessa dos “besouros parasitas” e da fotografia. Nesta última se reconhece de imediato o *Diplostomum* e provavelmente a identidade da espécie como *longum mihi*¹ deverá estar correta. O Sr. possui o meu trabalho sobre Holostômidas?² Se não for o caso eu o remeterei, pois nele considerei muitas formas do Brasil. Seja como for, enviarei imediatamente; caso venha a tê-lo em duplicata certamente aparecerá oportunamente algum interessado.

Com relação aos besouros parasitas, gostaria de saber pormenores. Em que condições foram encontrados sobre *Hesperomys (obscurus? autor?)*. Os Estafilínidas, para cuja identificação recorrerei ao especialista berlinense Kraatz, podem sem dúvida viver parasitariamente sobre uma espécie de rato de talhe médio, mas do único lamelicórnio que identifiquei provisoriamente como *Cyclocephala δ -notata*, dificilmente admitir-se-ia algo semelhante, pois são todos sabidamente fitófagos típicos. Uma exceção não seria impossível, mas, para decidir isto, teria que se proceder a exames respectivamente de conteúdo estomacal e intestinal. Ficaria satisfeito se o Sr. pudesse enviar-me oportunamente mais material, pois não gostaria de sacrificar aquele único exemplar com este propósito.

No que se refere a sua consulta de eventualmente realizarmos trabalhos em colaboração, sobre parasitos, estou a sua inteira disposição. Compraz-me muito não só entrar em contato com o Sr., mas também o fato de ter alguém de quem possa receber, por vezes, algo helmintológico dos trópicos. É francamente vergonhoso o que os zoólogos-viajantes dos trópicos dos últimos tempos trouxeram para cá nesse sentido. O quanto o Brasil é particularmente rico em trematódeos mostrou-me a coleção de Natterer que examinei em sua maior parte. Já estão quase prontos em minha pasta “A família dos Anfistômidas” e “A família dos Monostomídeos”. Não tenho publicado, por

* Todas as notas do texto foram produzidas pelo Professor Johann Becker.

¹ *mihi* dativo de ego; a mim, i.e. a mim que deve ser atribuído o nome da espécie.

um lado, em virtude da grande quantidade de trabalho docente e, por outro, porque detesto trabalhos mal acabados. Preferiria examinar pessoalmente tudo o que fosse realmente conhecido sobre as respectivas famílias em exemplares mais ou menos bem conservados. O Sr. poderia conseguir-me muitas coisas neste sentido. Também só pude examinar as *Diplostomum* fotografadas pelo Sr. em exemplares muito mal conservados, não conseguindo obter uma visão inteiramente clara do peculiar aparelho abaixo da ventosa ventral. Gosto de conservar em solução aquosa concentrada de sublimado, à qual adiciono uma porcentagem de ácido acético; lavar em água e, a seguir, em álcool iodado a 50% e conservar em álcool mais forte, de 70-90%. Talvez servisse também a cachaça ou como o Sr. chama o conhaque de cana, no qual provavelmente estavam conservados os besouros. Talvez as panças³ das rezes brasileiras também hospedem numerosos *Gastrothylax* (grandes Anfistômidas) como as das egípcias. Um *Amphistomum* gigante ocorre em *Dicotylus torquatus*⁴ e *labiatus*,⁵ um outro em *Rhinemys nasuta*, *Peltocephalus dumeril.*, *Podocnem. Expansa*;⁶ também de espécies de *Doras*⁷ e de *Myletes bidens*⁸ são conhecidas formas interessantes.

Talvez o Sr. pudesse enviar-me sem dificuldades também carrapatos vivos. Sobre a anatomia dos animais tenho também um ensaio praticamente pronto, faltando-me somente ainda alguns dados, mas não consigo obter material aqui. As formas daí, por serem maiores, ser-me-iam muito bem-vindas. O Sr. sabe que os ♂ são muito pequenos e também se deixam cair ao solo durante a queda das ♀ para efetuar aí a fecundação, que pode dar-se, porém, ainda sobre o animal hospedeiro. A ♀ repleta tem então o ♂ posicionado sobre a vagina na qual introduziu a sua tromba. Interessam-me sobretudo as ♀ que iniciaram a postura ou que estão prestes a fazê-lo, mas também me agradariam ♀ mais jovens e ♂ maduros.

No verão enviar-lhe-ei um ensaio sobre o cuidado com a prole dos anfíbios. Examinei os girinos de *Dendrobates trivittatus* Spix (carregados pelos ♂ no dorso) o que me deu o ensejo de compilar todos os casos, copiando as respectivas ilustrações.

² Adotamos Holostômidas e Estafilínidas em vez de Holostomídeos e Estafilínídeos. O sufixo *idas* denota patronomia como *idae*; *ideos* não denota nada.

³ Pança (=rumen) é uma das quatro divisões do estômago dos ruminantes.

⁴ Caetitu.

⁵ Queixada.

⁶ Tartarugas de água doce.

⁷ Peixe nematognato de água doce, "cascudo".

⁸ Pacu, peixe de água doce, carácida.

Algo assim faz muita falta, especialmente às pessoas que vivem em meio à natureza (sem a pertinente literatura). Mais da próxima vez! A carta ficou aqui até hoje, 20.III. Queria recomeçar, porém não tenho tido, nestes dias, a calma necessária. Já inspecionei mais pormenorizadamente os Estafilínidas,⁹ uma forma muito interessante que pertence aos Taquiporíneos. Seria bom se eu tivesse mais material.

Seu mui devotado

Brandes

[Na margem da página 4:]

Os carrapatos podem ser enviados facilmente entre folhas ou algo parecido, dentro de um bastão oco, como amostra sem valor.

⁹ Os Estafilínidas de que trata a carta são ectoparasitas de Múridas (ratos) e Didelfídeos (gambás) da subfamília Amblyopininae. Ver figura em Costa Lima, *Insetos do Brasil*, v.7, p.3-7 ou, se ao alcance, a magistral monografia da subfamília de C. H. Seevers do Field Museum of Natural History de Chicago. Estes Estafilínidas (uma das maiores famílias de coleópteros) parecem ter interessado bastante a Lutz, pois o cientista também se corresponde a seu respeito com Carlos Bruch, de La Plata.

